

TAMBÉM TU FARIAS O MESMO: DISCURSOS DE PODER
E AUTORIDADE DE GONÇALO RAMIRES
*You Would Do the Same:
Speeches of Power and Authority by
Gonçalo Ramires*

Márcio Jean Fialho de Sousa 

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, MG, Brasil

Resumo

Com Gonçalo Mendes Ramires, Eça de Queiroz recupera um tema recorrente nos mais diversos registros literários de todos os tempos: o desejo pelo poder e ou pelo reconhecimento público, tema esse que, aliás, faz parte da história da humanidade. Essa discussão temática está presente, inclusive, em outros romances queirosianos, como *A relíquia* (1887). Nesse sentido, vale observar as estratégias empregadas pelos sujeitos para efetivar essa ambição. Um recurso evidente em *A ilustre casa de Ramires* (1900) é a tentativa que a personagem faz de ingressar no mundo literário, mas também é importante analisar as estratégias de micropoder expressas por argumentos de autoridade dessa personagem. Dito isso, o objetivo desta comunicação é analisar os argumentos de autoridade empregados pelo protagonista do romance, muitas vezes disfarçados por boas ações, além de buscar contextualizar os mecanismos de poder que servem de pano de fundo para as escolhas das ações.

Palavras-Chave: Eça de Queiroz; legado; tradição; modernidade.

Abstract

Eça de Queiroz revisits a recurring theme in the most diverse literary records of all time when he creates Gonçalo Mendes Ramires as a character: the desire for power and/or public recognition, a theme that, as a matter of fact, is part of the history of humanity. This thematic discussion is also present in other novels by Queiroz, such as *The Relic* (1887), for example. In those terms, it is worth observing the strategies employed by the subjects to make this ambition come true. An evident resource in *A ilustre casa de Ramires* (1900) is the character's attempt

Resumen

Eça de Queiroz retoma un tema recurrente en la literatura más diversa de todos los tiempos al construir el personaje de Gonçalo Mendes Ramires: el deseo de poder y/o reconocimiento público, un tema que, por cierto, forma parte de la historia de la humanidad. Esta discusión temática también está presente en otras novelas de Queiroz, como La Reliquia (1887). En este sentido, conviene observar las estrategias empleadas por los sujetos para hacer realidad esta ambición. Un recurso evidente en La ilustre casa de Ramires (1900) es el intento del



to enter the literary world, but it is also important to analyze the strategies of micro power expressed by this character's arguments of authority. Therefore, the aim of this article is to analyze the arguments of authority employed by the protagonist of the novel, often disguised as good deeds, in addition to seeking to contextualize the mechanisms of power that serve as a backdrop for the choices of actions.

Keywords: Eça de Queiroz; Legacy; Tradition; Modernity.

personaje de entrar en el mundo literario, pero también es importante analizar las estrategias de micropoder expresadas por sus argumentos de autoridad. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es analizar los argumentos de autoridad empleados por el protagonista de la novela, a menudo disfrazados de buenas acciones, además de buscar contextualizar los mecanismos de poder que sirven de telón de fondo para sus decisiones.

Palabras clave: Eça de Queiroz; legado; tradición; modernidad.

A ilustre casa de Ramires, livro semipóstumo de Eça de Queiroz, foi publicado pela primeira vez na revista *Moderna*, em Paris, no ano de 1897, ficando aí inconcluso. Esse número da revista teria sido dedicado inteiramente a Eça de Queiroz. Já o livro, editado por Chardron, no Porto, vem a ser publicado apenas no ano de 1900, ano da morte do escritor, que, portanto, não chegou a ver o volume, logo o livro não passou por sua criteriosa revisão, como fez com as obras anteriores e como era de seu costume. Sobre esse fato, António Campos Matos (2014) afirma ainda que o Eça também “não pôde rever a partir da 6^a página do capítulo X, ou seja, quase três capítulos” (Matos, 2014, p. 510). Por outro lado, e não ignorando esse fato, *A ilustre casa de Ramires* retoma um tema caro nas obras queirosianas, o desejo pelo poder e/ou pelo reconhecimento público.

Na obra em destaque, romance protagonizado por Gonçalo Mendes Ramires, são narradas duas histórias que se entrelaçam ao mesmo tempo; por um lado, a vida do fidalgo, personagem principal; por outro, e em segundo plano, a história de Trutesindo Mendes Ramires, um antepassado de renome da família. O modo como Eça de Queirós articula as duas narrativas dá-se por intermédio do próprio Gonçalo, que escreve uma novela, *A torre de D. Ramires*, cujo intuito é narrar a história de Trutesindo. Como se lê no romance, de modo geral, Gonçalo Ramires não tem outro objetivo a não ser garantir sua autopromoção política e seu reconhecimento social. Desse modo, a busca por sua promoção por meio da escrita, rascunhando algumas letras, torna-se um bom negócio quando recebe o convite de seu amigo, José Lúcio Castanheiro, diretor da revista chamada *Anais de Literatura e História*, para que publique seu texto no periódico. Castanheiro, por sua vez, faz o convite não apenas por camaradagem, mas porque a publicação desse material escrito por um

membro da fidalguia, vindo de família tradicional portuguesa, anterior ao próprio país, poderia, em seu modo de ver, elevar seu *status* com a revista e ainda resgatar os valores tradicionais da nação.

Esse jogo de interesses permeia o texto de maneira bastante irônica, afinal, enquanto, na novela de Ramires, Trutesindo é apresentado como o homem da família, aquele que defende as origens de seu nome e promete vingança a todos os culpados pela morte de seu filho, ao qual ele assistiu, do alto da Torres, a morte; Gonçalo, por seu turno, subverte os valores de seus ascendentes, trocando-os por interesses políticos. Para este fim, Gonçalo torna-se capaz de qualquer artifício, inclusive se reaproximar de André Cavaleiro, governador civil do distrito, que andava cortejando sua irmã e já foi seu amigo no passado, mas, na atualidade da narrativa, havia se tornado um acessório substituível, um rival político. Vale salientar ainda que a irmã de Gonçalo já era casada com José Barrolo.

Suscitando ainda outras reflexões, o protagonista, Gonçalo Ramires, é uma personagem que se sente indigna, perdida, que busca se remir e salvar a memória de seus ascendentes e a si mesmo na escrita, mas também com o possível casamento com Ana Lucena. Ana era uma viúva rica e de boas feições, mas filha de carniceiro e irmã de um assassino. Segundo apresenta Benjamin Abdala Júnior (1980), o fato de a pretendente ser de uma família com carniceiro e assassino “não era um problema [para Gonçalo Mendes Ramires]: o mesmo tinha acontecido com relação aos seus ascendentes... Com o dinheiro do casamento, restituíria à velha torre seu esplendor de outras eras” (Abdala Jr., 1980, p. 57). Por outro lado, Gonçalo nutria o orgulho masculino dos Oitocentos, “não podia manchar sua honra”, por isso, quando seu amigo Titó confidencia a ele que Ana Lucena tinha ou tivera um ou mais amantes, encontra aí razões suficientes para afastar dela as suas pretensões de casamento. Nesse sentido, o que passa ser o cerne da discussão narrativa é a busca pelo poder e pelo reconhecimento nas mais diferentes esferas sociais, seja por Gonçalo Mendes Ramires, seja por Trutesindo.

Sendo assim, e de modo peculiar, o autor demonstra essa reflexão apresentada no enredo, de modo a identificar como esses valores vão se perpetuando nas relações sociais, assim como também detecta que a sociedade é regida por um senso de vaidade, pelo desejo de mandar e de se fazer superior diante de um outro. Tudo isso de modo independente das condições e das classes sociais. Em outros termos, as relações de poder permeiam todas as esferas e papéis sociais, em micros e/ou macropoderes.

Antes, porém, de passar para a análise do texto, faz-se necessário discutir alguns aspectos aos quais considero estratégias de poder nesta análise. Em resumo, a ideia de poder está aqui alinhada à técnica de poder que visa, de algum modo, a criar um estado de vida na população para produzir corpos

politicamente dóceis, além de economicamente ativos. Nesse sentido, vale o foco nos corpos dóceis. Ou seja, falar sobre esses corpos, segundo Michel Foucault (1987), é compreender que há na sociedade mecanismos de poder que almejam, em todas as esferas e em todos os níveis sociais, estabelecer comportamentos disciplinares. Segundo ele,

[a] disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (Foucault, 1987, p. 127).

Acrescenta a isso o fato de que “[a] disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (Foucault, 1987, p. 121).

Em síntese, os mecanismos de poder são estratégias para o estabelecimento e administração do *status quo*. Esses mecanismos buscam sempre direcionar os comportamentos a um estado terminal, ou seja, a uma finalidade esperada que, ainda segundo Foucault (1987, p. 136), “permite uma perpétua caracterização do indivíduo [...] em relação aos outros indivíduos, [ou] em relação a um tipo de percurso”.

Apenas a título de ilustração e para recuperar alguns exemplos de como os mecanismos de poder são representados nas obras queirosianas, destaco aqui *O crime do padre Amaro*, publicado pela primeira vez no ano de 1875, onde se pode observar que os jogos de poder são, evidentemente, estabelecidos nas relações entre Amaro e Amélia, cujo poder se dá tanto na esfera da autoridade, na posição de eclesiástico, por parte de Amaro, quanto no nível amoroso, quando Amélia se submete aos desmandos do padre por amor a ele. Também há, nas relações entre dona Joaneira e o Cônego Dias, outras duas personagens importantes do enredo, nesse caso os jogos de poder se alternam, por um lado, Joaneira exerce poder, por possuir a precedência de cuidar e receber os padres em sua casa, logo recebe o *status* de intimidade com eles; por outro, também sofre a influência da autoridade do Cônego Dias, por ser ela leiga, e ele, representante do poder eclesiástico. Então aqui vemos os estabelecimentos de papéis sociais e sua alternância de poder por conveniência e/ou pela prerrogativa do Direito socialmente reconhecido.

No livro *O primo Basílio*, de 1878, as relações de poder aparecem na ligação entre Basílio e Luísa, Luísa e Juliana, Juliana e Joana, e até mesmo entre Luísa e Jorge, tendo sido esses poderes exercidos como ferramentas para o estabelecimento de posições sociais ou mesmo para a inversão delas, como no caso em que Juliana passa a chantear Luísa, depois de descobrir os encontros de sua patroa com o amante Basílio; ou ainda para oprimir, ou mesmo para demonstrar relações de cuidado e/ou amor, como no caso

de Basílio para com Luísa, ainda que seja também para a manutenção das relações sociais.

Dito isso, e passando para a obra foco deste breve estudo, dei destaque ao protagonista do romance, Gonçalo Mendes Ramires, na tentativa de identificar as estratégias empregadas por ele para efetivar suas ambições. Um recurso evidente em *A ilustre casa de Ramires* é a tentativa de Gonçalo de ingressar no mundo literário, assim como no mundo político, mas também é importante analisar as estratégias de micropoder expressas por argumentos de autoridade dessa personagem. Dito isso, um dos objetivos da análise deste romance foi examinar argumentos de autoridade, empregados pelo protagonista do romance e, muitas vezes, disfarçados por boas ações, além de também buscar contextualizar os mecanismos de poder que servem de pano de fundo para as escolhas dessas ações.

Desse modo, passando para a apresentação da análise que seguirá no corpo deste estudo, vale lembrar retomar que Gonçalo Ramires, bacharel em Direito, era o último descendente de uma histórica família anterior ao reino de Portugal. O grande problema dele era a falta de dinheiro, consequência, aparentemente, de sua falta de organização na casa e na administração das propriedades, que, aliás, eram muitas. Além disso, não cria ter o reconhecimento público que deveria possuir por ser de uma família tradicional. Também é importante destacar que Gonçalo almeja ser deputado, pois assim obteria o reconhecimento social. Com o desejo de ingressar na literatura e por influência de um amigo de Coimbra, José Lúcio Castanheiro, entrega-se à produção de uma novela histórica sobre os feitos heroicos e ferozes de seus antepassados medievais com *A torre de D. Ramires*. Com esse livro vinha a proposta de tentar resgatar os sentimentos portugueses. No decorrer da narrativa, vemos que Ramires chega a ser deputado, mas não por seus próprios méritos, e sim por ter pactuado com o amante de sua irmã.

Grosso modo, neste breve resumo central do enredo é possível verificar como as relações de poder vão se reverberando, a partir de pontos-chave, a saber, o poder e os caminhos para alcançá-lo.

O discurso de poder e representatividade social

Depois deste introito, vemos que a leitura de *A ilustre casa de Ramires*, permite-nos pensar e identificar esses mecanismos de poder a partir das posições das personagens no enredo, o que daria uma profunda análise em um estudo mais elevado. Porém darei destaque a alguns episódios que possam ilustrar essa reflexão em poucas páginas.

Já no início do romance, conforme sintetizado no preâmbulo deste estudo, vemos duas situações nas quais podemos identificar a busca da manutenção do *status quo* social, assim como a tentativa de estabelecer

comportamentos disciplinares a partir do uso de argumentos de autoridade, todos eles envoltos em ironias que, aliás, aparecerão, conforme afirma Helder Garmes (2003), em seu ensaio “Uma armadilha para o leitor: notas sobre a Ilustre Casa de Ramires”, como a marca de

Uma das mudanças significativas em *A Ilustre Casa* [...] para os romances anteriores deve-se ao fato de [que], após regozijarmo-nos com o tratamento irônico que *Êça* dá à aristocracia tradicional [...][,] somos levados a manter a simpatia por Gonçalo, coisa que não acontece, por exemplo, com personagens como o padre Amaro ou o primo Basílio (Garmes, 2003, p. 124).

Nesses termos, recuperando a narrativa preambular, vemos, por um lado, Castanheiro, um patriota que, para atingir o objetivo de ver os genuínos sentimentos da identidade portuguesa reencontrados, vê em Gonçalo a imagem de uma tradição, visto que ele é de família histórica, de caráter heroico, com exemplos de bravura e fidelidade ao reino. Essa associação já se traduz em ironia, denotando a decadência da própria tradição, mas isso fica apenas subentendido na narrativa.

Aparte isso, ter Gonçalo como um escritor em sua nova revista, os *Anais de Literatura e de História*, poderia conferir credibilidade ao periódico, afinal, ainda que decadente, Gonçalo representa em si um argumento de autoridade, pois pertence à família Ramires, traz em si a ideia, além da tradição, do senso de permanência e continuidade, isso tudo na concepção de Castanheiro, tendo em vista seus pressupostos e argumentos ao afirmar o seguinte num trecho do romance:

[...] Por essa história de Portugal fora, vocês são uma enfiada de Ramires de toda a beleza. Mesmo o desembargador, o que comeu numa ceia de Natal dois leitões!... E apenas uma barriga. Mas que barriga! Há nela uma pujança heroica que prova raça, a raça mais forte do que promete a força humana, como diz Camões. Dois leitões, caramba! Até enternece!... E os outros Ramires, o de Silves, o de Aljubarrota, os de Arsila, os da Índia! E os cinco valentes, de quem você talvez nem saiba, que morreram no Salado! Pois bem, ressuscitar estes varões, e mostrar neles a alma façanhuda, o querer sublime que nada verga, é uma soberba lição aos novos... Tonifica, caramba! Pela consciência que renova de termos sido tão grandes sacode este chocho consentimento nosso em permanecermos pequenos! É o que eu chamo reatar a tradição... E depois feito por você próprio, Ramires, que chic! Caramba, que chic! É um Fidalgo, o maior Fidalgo de Portugal, que, para mostrar a heroicidade da Pátria, abre simplesmente, sem sair do seu solar, os arquivos da sua Casa, velha de mais de mil anos. É de rachar!... (Queirós, 1970a, p. 491-492)

Como se nota, Castanheiro exalta os feitos da família do amigo com certo sentimento de devoção, reconhecendo nisso o poder social que carrega o nome dos Ramires na construção da história do país. Ele comprehende, nesses termos, que o poder exercido pelo nome da família é uma força que produz efeitos na sociedade. Sendo assim, Castanheiro não apenas reconhece, mas também faz uso disso para promover sua revista, seus valores nacionalistas e a si mesmo como editor; assim, afirma: “[...] de folhetim em folhetim, se chega a S. Bento!” (Queirós, 1970, p. 492).

Gonçalo Mendes Ramires, por sua vez, vê-se diante de um convite conveniente e promissor, afinal poderia vir a promovê-lo socialmente e, como futuro deputado, já teria as portas abertas para seu eleitorado, pois

[t]udo [...] o seduzia – e lhe convinha: a sua colaboração numa revista considerável, de setenta páginas, em companhia de Escritores doutos, lentes das Escolas, antigos Ministros, até Conselheiros de Estado: a antiguidade da sua raça, mais antiga que o Reino, popularizada por uma história de heroica beleza, em que com tanto fulgor ressaltavam a bravura e a soberba de alma dos Ramires; e enfim a seriedade académica do seu espírito, o seu nobre gosto pelas investigações eruditas, aparecendo no momento em que tentava a carreira do Parlamento e da Política!... (Queirós, 1970, p. 492).

Por outro lado, visto que desejava notoriedade e reconhecimento, o convite a escritor no periódico seria uma ótima oportunidade, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentaria para escrever seu texto, mas também para esse quesito logo arruma um jeito, então não seria problema, pois, como afirma o narrador:

[...] o trabalho, a composição moral dos vetustos Ramires, a ressurreição arqueológica do viver Afonsino, as cem tiras de almaço a atulhar de prosa forte – não o assustavam... Não! porque felizmente já possuía a “sua obra” (Queirós, 1970, p. 492).

Seria a oportunidade, portanto, para estabelecer e/ou suscitar o respeito que seu nome carregava naquela sociedade e andava decadente. Para isso, valia tudo.

Mas há um episódio que chama a atenção e que vale a pena destacar. Gonçalo, a caminho de Valverde, depois de ouvir as histórias de “um velho esfarrapado” e pedinte, encontra na estrada um homem que se arrasta por sofrer de uma chaga no tornozelo que teimava em não curar. Ao ver aquela situação, Gonçalo fica indignado com o fato de que ninguém tinha ainda ajudado aquele homem. Assim prossegue o diálogo:

- Mas assim não pode andar, homem! De onde é vossemecê?
- De Corinde, meu fidalgo. Manuel Solha, do lugar da Finta. Até lá, sempre me hei de arrastar.
- E então, dessa gente toda, que aí estava há bocado, ninguém o pode ajudar?... Uma carriola, dois latagões...
- [...] Cada um, neste mundo, tem a sua pressa... (Queirós, 1970, p. 527).

Ao receber essa resposta, o Fidalgo da Torre desmontou de sua égua:

- Bem! Então, égua por égua, já vossemecê tem aqui esta...
- O Solha embasbacou para Gonçalo:
- Ora essa! Santo nome de Deus!... Pois eu havia de ir a cavalo, e V. Exa. a pé?
- Gonçalo ria:
- Homem, com essas discussões de “eu a pé” e “você a cavalo”, e “faz favor” e “não senhor”, é que perdemos um tempo precioso. Monte, esteja quieto, e trote para a Finta!
- O outro recuava para a valeta da estrada, sacudindo a cabeça, esgazeado, como no espanto de um sacrilégio;
- Isso é que não, meu senhor, isso é que não! Antes eu acabasse aqui à míngua, com a chaga em bolor!
- Gonçalo bateu o pé, com autoridade:
- Monte, que mando eu! Vossemecê é um lavrador de enxada, eu sou um Doutor formado em Coimbra, sou eu que sei, sou eu que mando!
- E o Solha, logo submisso perante aquela força deslumbrante do Saber superior, agarrou em silêncio a crina da égua, enfiou respeitosamente o estribo, ajudado pelo Fidalgo, que, sem tirar as luvas brancas, lhe amparava o pé entrapado e manchado de sangue.
- Depois, quando ele repousou no selim com um ah! consolado:
- Então que tal?
- O homem só murmurava o nome do nosso Senhor, na gratidão e no assombro daquela caridade:
- Mas isto é a volta do mundo... Eu aqui, na égua do Fidalgo! E o Fidalgo, o Sr. Gonçalo Ramires, da Torre, a pé pela estrada!
- (Queirós, 1970, p. 527).

Esse longo fragmento apresenta várias perspectivas sobre o poder na organização social a partir dos estabelecimentos de papéis. Foi com base nesse tipo de relação que Foucault (1997), em seu livro *Microfísica do poder*, analisou e afirmou que o poder é uma prática social constituída ao longo do tempo e que forma o que chamamos de tradição. Nesse sentido, demonstra

que a sociedade moderna construiu ao longo da história um conjunto de mecanismos de submissão capaz de tornar o poder ativo. Dessa maneira, à luz do que apresenta o fragmento do romance, o episódio faz uso das seguintes ferramentas de poder: ao se colocar a serviço do lavrador oferecendo-lhe a égua, Gonçalo inverte os papéis sociais, algo que naquela sociedade seria inadmissível, tanto que o próprio homem, de nome Solha, estranha a atitude do fidalgo e também não se surpreende com o fato de que nenhum daqueles a quem ele servia o tinha oferecido ajuda, afinal eram de classes sociais diferentes, não estava entre seus semelhantes. Ou seja, o comportamento do lavrador era resultado de uma prática constituída, estigmatizada, e por isso aceita com naturalidade. Desse modo, Gonçalo só consegue inverter os papéis porque ele tinha o poder naquela situação, na condição de autoridade natural: ser um fidalgo e bacharel. Tanto que, diante da insistente recusa de Solha ele emite a seguinte advertência: “— Monte, que mando eu! Vossemecê é um lavrador de enxada, eu sou um Doutor formado em Coimbra, sou eu que sei, sou eu que mando!” (Queirós, 1970, p. 527). Como notamos, a emissão da autoridade nesse episódio dá-se por duas vias: a de doutor, com formação superior, e a de fidalgo, adquirida congenitamente.

Em consequência, mesmo tendo dito que preferia morrer à míngua a deixar o fidalgo caminhando enquanto ele ia na égua, Solha se rende, pois era submisso e deveria ser assim naquele contexto social, “perante aquela força deslumbrante do Saber superior” de Gonçalo Mendes Ramires. Mas isso não significou ainda que ele teria aceitado tranquilamente, afinal anuncia, indignado: “— Mas isto é a volta do mundo... Eu aqui, na égua do Fidalgo! E o Fidalgo, o Sr. Gonçalo Ramires, da Torre, a pé pela estrada!” (Queirós, 1970, p. 527), Solha é um representante, por excelência, do que Foucault nomeou corpos dóceis. Isso porque o poder exercido sobre ele no decorrer da vida já tinha mostrado a força da tradição, e esta não é facilmente combatida – transforma-se em estrutura da sociedade.

Na sequência da narrativa, essa atitude de Ramires também causará espanto entre seus convivas Sanches Lucena e dona Ana, atitudes que endossam os mecanismos de poder esperado para aquela situação.

Considerações finais

Partindo, então, para algumas considerações finais sobre os fragmentos analisados, procuramos identificar como os mecanismos de poder representados nas personagens do romance e elencados no decorrer desta análise mostram o direcionamento de comportamentos a um estado terminal, de modo que, a cada escolha discursiva, expressa uma subintenção: a de estabelecer níveis e *status* de poder e, ao mesmo tempo, revelar a caracterização do indivíduo em sua posição social.

Nesse sentido, Gonçalo Mendes Ramires, por mais que, em alguns momentos do romance, pareça se colocar em posição de subalternidade ou de despreendimento, de fato, ele demonstra, com essas atitudes, uma estratégia para se manter na posição de aristocrata reconhecido, ainda que, muitas vezes, esse reconhecimento venha apenas como consequência dos atos de seus antepassados, que nada têm mais a ver com ele próprio, necessariamente.

No episódio do convite que Castanheiro faz a Gonçalo para que escreva o romance que seria utilizado para alavancar sua revista e trazer ao povo português os valores da tradição, o que percebemos são estratégias de poder que, por um lado, buscam promover um *status* ideológico presumido, ainda que os meios para isso possam ser questionados (posição decadente, mas de renome social). Por outro, vemos em Gonçalo o interesse pessoal: almejar cargos políticos e ver o nome da família a brilhar na sociedade, mesmo que ele próprio não reunisse as características para a investidura na carreira literária por excelência. Em ambas as situações, vemos que, por fim, os fins justificam os meios.

Referências

- ABDALA JR., Benjamin. *Eça de Queirós: seleção de textos, notas, estudos biográficos, históricos e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 5. ed. Trad. Ligia M. P. Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987. p.125-152.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.
- GARMES, Helder. Uma armadilha para o leitor: notas sobre a Ilustre Casa de Ramires. In: CANIATO, Benilde Justo et al. *Linhas e entrelinhas: homenagem a Nelly Novaes Coelho*. São Paulo: Ed. Casemiro, 2003.
- MATOS, A. Campos. *Eça de Queirós: uma biografia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- QUEIRÓS, Eça de. A ilustre casa de Ramires. In: SIMÓES, João Gaspar (org.). *Obra Completa*. Vol. II. Org. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1970a.
- QUEIRÓS, Eça de. “O crime do padre Amaro”. In: SIMÓES, João Gaspar (org.). *Obra completa*. Org. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1970b. v. II.
- QUEIRÓS, Eça de. “O primo Basílio”. In: SIMÓES, João Gaspar (org.). *Obra completa*. Org. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1970c. v. 2.
- Simões, João Gaspar (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1970.

Márcio Jean Fialho de Sousa. Professor da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Coordenador do Grupo de Pesquisa Teolinda Gersão (PPGL-Unimontes) e membro Pesquisador do Grupo Eça (USP/CNPq) e do GT Literatura Portuguesa da Anpoll. Em 2017, concluiu pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP e, em 2019, concluiu pós-doutoramento em Estudos Literários pela Unimontes. Doutor e mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Tem experiência na área de letras, com ênfase em literatura portuguesa, atuando, principalmente, com: literaturas marginais; Eça de Queirós e Teolinda Gersão.

E-mail: pcopmarciojean@gmail.com

Declaração de Autoria

Márcio Jean Fialho de Sousa, declarado autor, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 15/05/2025

Aceito em: 30/07/2025